

Emulador

ANNO V. — NUM. 179

Redacção e officinas — R. da Cunha Ro-
drigues n.º 7.
Os photographos, mesmo não publicados não são
devolvidos.

— REDACTORES —

Drs. Abdias Neves, Miguel Rosa, Valdivino Tito e Mathias Olympio

PIAUHY — THEREZINA, 10 de Março de 1910.

— ASSIGNATURAS —

Anno 10\$000

Seis mezes 5\$000

PAGAMENTOS, ADIANTADOS

O novo governo

Installa-se, hoje, em sessão extraordinária, a camera legislativa do Estado, para apurar a eleição de governo, feita a 29 de janeiro. E, como só um nome foi suffragado, com expressiva e eloquente unidade de vistas, o do dr. Antonio Freire, e como nenhuma reclamação foi apresentada contra o pleito que correu livre e em ordem absoluta, podemos, desde já, gozar o resultado da situação. Eleito e reconhecido, assu ne o novo piauiense a administração suprema do Piahy acompanhado das esperanças de todos os que o conhecem e sabem o carinho, o interesse, o devotamento com que se votou e o uso do levantamento material, intellectual e moral de sua terra. Chega á alta magistratura do Estado no meio das sympathias que se lhe encontram em sua vida publica. Toma conta do governo, eleito por todos os piauienses dignos que sonham para o berço natal um futuro prospero. E, acompanhado de o perito, e a sua intimidade, como o temos seguido, são as mesmas as nossas esperanças, a mesma a nossa convicção no resultado dos seus esforços, a mesma a nossa sympathia nesses ascensões logica e justa.

Em artigos successivos, traçados fora da inspiração da amizade, apenas sob os dictames da nossa consciência da justiça, discutido o estado da república, a Assembleia Legislativa, do actual momento de nossa existencia politica, estava naturalmente indicando para o elevado posto em que o collocam os suffragios das urnas livres. Lembráramos a coherencia de sua vida politica, a sua lealdade á causa dos amigos, a sua intransigencia na defesa dos interesses do partido, a superioridade de vistas com que julga os homens e as coisas.

Não podem ser outros, actualmente, os nossos conceitos. E, mais se robusteceram, nos mezes decorridos, vendo se affirmarem, as suas qualidades de espirito directivo na chefia do partido, na phase que atravessamos difficil e tormentosa para a politica nacional.

Forçoso é confessar, porém, que, com as condições precárias de nossas finanças—reflexo da crise geral que assola o país; com os obices que perturbam, sempre, os primeiros actos de todos os governos bem intencionados; com a resistencia que abusos inveterados e antigas lites opõem, á bastante espinhosa a missão que toma aos homens. Nisso mesmo entretanto, encontrar-nos-elle, certo, mais vigorosos e decisivos estimulados para a realização do seu programma largo e patriótico.

Auxiliários competentes e dignos tem elle nos qm? o cerca a honra dos departamentos da administração; encontra-os na camera legislativa qm? unanime, o apoia. Nesta, sobretudo, pelas medidas com que dotará o seu governo, habilitando-o para as reformas que pretende fazer, e pela solidariedade com que, ali, o auxilia.

Nestas condições, são justificáveis os parabéns que mandamos a esta assembléa, nas suas

Coronel Manoel da Paz

Terça-feira de hoje o nosso venerando amigo coronel Manoel da Paz o governo que assumiu, e, segundo substituto do governador, após o fallecimento do indigne piauiense dr. Anizio de Abreu. Foram apenas tres mezes e poucos dias de administração, mas o bastante para revelar um espirito calmo e sincero, pratico e intelligente, bem orientado e voluntoso voltado em todas as circunstancias para a causa do bem publico e a defesa dos interesses do Estado.

Seu governo transcorreu enfrentando agitado periodo de ameaças, de fortes resistencias, de uma campanha de odios, de uma propaganda plebiscitatoria furiosa e sem escrúpulos. Nada se respeitava—a cizaña dos mortos, a honra profissional dos nossos correligionarios, a tranquillidade da familia piauiense. Diante de coisa nenhuma recusavam adversarios impiedosos, na tentativa de trazer a dispersão, ou o desespero aos nossos amigos. Na perlo de cincoenta annos exerceu elle a sua actividade politica entre nós: meio século de lealdade, de intransigencia partidaria, de firmeza de convicções que lhe valeram, não raro, fúria dos despoletos, preterições injurias, a suspensão de uns e as antipathias de outros.

Nada era isso entretanto para quem, desde a primeira infância, se habituara a combater a injustiça, a defender a causa da república, e, nenhum direito que nos assiste na distribuição das vantagens do governo, o barateamento, a negação dos que conseguiram a queda dos mais penosos sacrificios? Por que?

Só um motivo encontrámos: o des conhecimento do que se passa em trez nós. Não pode ser outro. Patriotismo, consciencia unida das obrigações que contrahiram para com aqueles que os elegiram, prestigio official, tudo têm os representantes do Estado. Ausentes, entant, como vivem quasi todos, ignoram, certo, o que se dá o que, si tem permissão nos protestos de uma outra folha, cea vai esquecido por uma nova injustiça ou um abuso maior.

Era o caso, portanto, de se firmar a solidariedade da imprensa local e de todos os orgãos dos interesses feridos, para dar ás reclamações a amplitude e intensidade que devem ter.

E é aqui, possivel, que se impõe com a toda a evidencia.

Quem não calcula os entraves e prejuizos que nos cria a irregularidade da frequência da grande campainha brasileira na Tulya—para nos enfiarmos ao caso particular de que nos occupamos?

Alto saluam da Capital Federal os vapores marcam em seu estalão o nosso porto. Fazem o mesmo dos Estados em que vão lpeando. Diante d'isso, são nelles carregadas mercadorias, embarcam passageiros. Avante-se, agora, o transpôrto dos que são levados para o Maranhão, cujos prejuizos do commercio que, quando esperava ver sua mercadoria despachada em Parnahyba, ignora o seu destino, porquê seguiu no porto de navio e tanto póde ter ido para o Amazonas, como voltado para o Rio de Janeiro!

O que a poderosa empresa quer, é o truncamento da Tulya aos seus barcos. Principio cobrando para ali as mesmas passagens e o mesmo frete que cobra para o Maranhão—circunstancia que, dir, elevando seus fretos, póde, diante da inercia dos navios de luar, no acto de

Amor de mysticismo

Alta, no arprimo e feliz de um freixo
Do capitulo de um mysticismo
Senhora, sois do meu Amor a origem.
Mal de que tanto me dá tino e queixo.

A vossa alma idolatrada é um trecho
De opera. Do meu Sonho enute a caligem
Sois a deusa para onde se dirige
O incenso e o bálsamo que em meus versos deixo.

O vosso olhar de dinda é carinhoso
E a escada de lacrimas vede e arminho...
Subir ao Céu minha alma ás vezes cuida.

Ampara minha queda sobre o abismo
E vede neste Amor de mysticismo
A adoção espiritual de um Druida.

Jonas da Silva

se reflecte, também, sobre aquelles que mandamos para as duas casas do Congresso.

E, com offeço, é, dir, mais do que confessar, á companhia que reace a intervenção dos nossos representantes lottas as vezes que incorre em fallas graves, como a que incorre, frequentemente, ao fazer a escala da Tulya, não mais recusa nas mesmas. Mas, ou não recusa, porque não dispõem elles da mesma e prestigio para a complicité do Congresso.

Porque, entretanto, não interveio? Por que permittem que se accione cada vez mais, a influencia de uma república, e, nenhum direito que nos assiste na distribuição das vantagens do governo, o barateamento, a negação dos que conseguiram a queda dos mais penosos sacrificios? Por que?

Só um motivo encontrámos: o desconhecimento do que se passa em trez nós. Não pode ser outro. Patriotismo, consciencia unida das obrigações que contrahiram para com aqueles que os elegiram, prestigio official, tudo têm os representantes do Estado. Ausentes, entant, como vivem quasi todos, ignoram, certo, o que se dá o que, si tem permissão nos protestos de uma outra folha, cea vai esquecido por uma nova injustiça ou um abuso maior.

Era o caso, portanto, de se firmar a solidariedade da imprensa local e de todos os orgãos dos interesses feridos, para dar ás reclamações a amplitude e intensidade que devem ter.

E é aqui, possivel, que se impõe com a toda a evidencia.

Quem não calcula os entraves e prejuizos que nos cria a irregularidade da frequência da grande campainha brasileira na Tulya—para nos enfiarmos ao caso particular de que nos occupamos?

Alto saluam da Capital Federal os vapores marcam em seu estalão o nosso porto. Fazem o mesmo dos Estados em que vão lpeando. Diante d'isso, são nelles carregadas mercadorias, embarcam passageiros. Avante-se, agora, o transpôrto dos que são levados para o Maranhão, cujos prejuizos do commercio que, quando esperava ver sua mercadoria despachada em Parnahyba, ignora o seu destino, porquê seguiu no porto de navio e tanto póde ter ido para o Amazonas, como voltado para o Rio de Janeiro!

O que a poderosa empresa quer, é o truncamento da Tulya aos seus barcos. Principio cobrando para ali as mesmas passagens e o mesmo frete que cobra para o Maranhão—circunstancia que, dir, elevando seus fretos, póde, diante da inercia dos navios de luar, no acto de

te, por vapores allemães e inglezes do calado superior aos do Lloyd. E vai conseguindo seus fins, arrastando, sem o pensar, o que quer saber, o enfraquecimento das empresas que exploram a navegação do Parnahyba, sobretudo, onerando o commercio piauiense com as despesas do transporte de S. Luiz até aqui,—muito mais pesadas que as de Tulya a Therezina.

Urgo, portanto, um correctivo. O Lloyd não faz o que quer. Não é omnipotente. Assignando um contracto, assumi a obrigação de cumprir o estelão em jogo interesses de um grande Estado,—com o qual, ou de um Estado especulador, como o Lloyd, não queremos e não podemos nos nossos representantes.

RECURSO ELEITORAL.—Nosso velho amigo, capitão Lauro Castello Branco, recorreu, hontem, do todo o alistamento desta capital, tem ben deduzidas rubricas, mostrou o alistamento é nullo, por inobservancia de preceito legal na organisação da commissão de 3 de 3 de jurado.

Publicamos, opportunamente, na integra, esse trabalho, que merece a attenção dos nossos correligionarios e amigos.

DR JOÃO PINHEIRO

Nosso illustre amigo e collaborador, o festejado poeta do «Solar dos Sonhos», cujo nome encima estas linhas, seguiu, hontem, para Campo Maior, acompanhado de sua exma. consorte.

Bom viage!

Emigração para o Amazonas

O EMBARQUE

Mas que vejo eu ali? Que quando do amanhecer
que funereo tanto! que letargias figuras!
que scena infame e vil! Mas Deus! Mas Deus!
que horror!

Castro Alca.

A 12 do corrente, data assigna para o polo grande despojo do assilir a uma scena compungidora e ao mesmo tempo repugnante, desentrolada nas margens do maranhão: Parnahyba, em frente á bella cidade do mesmo nome—o embarque de pessoal para o Amazonas, promovido pelo celebre agenciador Wandolph.

Mas de qm infelizes, homens, mulheras, crianças, deixaram o abençoado solo piauiense em busca das tantas e tantas margens do Amazonas, onde os espera a escravidão ou a morte!

Em immundos botes, cobertos de velhas esteiras de palhas de carnaúba, embarcaram esses desgraçados, a maior parte delles embaraçados

mantida e coberta, ia um emissario do agenciador, á semelhança do famelicu urubú, pousado sobre apodrecida prosa.

Assim preparada a tripulação amilhada, logo partiram as velozes embarcações, deixando-se nas placidas aguas do Igarassá, partiram os botes levando os desgraçados!

A multidão que do porto assistia ao embarque, se retirava a passos lentos, pensativa, como quem voltava de um entorpecimento.

O Parnahyba, no brande mortuário de suas aguas, soltava um longo gemido, eterno adeus de despedida aos pobres martyrs, que nunca mais vão do voltar!

O sol sumia-se no occaso, recolhido por nuvens pardacentas, parecendo não querer presenciar com os seus luminosos raios, scena tão abominavel.

O aspecto da natureza era frio e melancolico, parecia chorar também!

Ao contemplar-se o horroroso quadro, que acabo de descrever, com pallidas cores, mo viam á mente as bellas estrophas com que o illustre Castro Alva descreveu os povos secos e secos occorridos no apuro negro, fundo, infido, apurado, imundo do navio nigratório no inferno exclamava:

Senhor Deus dos desgraçados!
dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira, se é verdade
tanto horror perante os céus.
O' mar, p' que não suspex,
com a sequeja de tanta rapa
de teu tanto este horror!
Adeus! adeus! temendo o dia
dos juizes da immortalidade!
Valei os navios, lá vai!

Quanto Piahy, nobilissimo e amavel, que se dá o que, si tem permissão nos protestos de uma outra folha, cea vai esquecido por uma nova injustiça ou um abuso maior.

Porque, entretanto, não interveio? Por que permittem que se accione cada vez mais, a influencia de uma república, e, nenhum direito que nos assiste na distribuição das vantagens do governo, o barateamento, a negação dos que conseguiram a queda dos mais penosos sacrificios? Por que?

Só um motivo encontrámos: o desconhecimento do que se passa em trez nós. Não pode ser outro. Patriotismo, consciencia unida das obrigações que contrahiram para com aqueles que os elegiram, prestigio official, tudo têm os representantes do Estado. Ausentes, entant, como vivem quasi todos, ignoram, certo, o que se dá o que, si tem permissão nos protestos de uma outra folha, cea vai esquecido por uma nova injustiça ou um abuso maior.

Era o caso, portanto, de se firmar a solidariedade da imprensa local e de todos os orgãos dos interesses feridos, para dar ás reclamações a amplitude e intensidade que devem ter.

E é aqui, possivel, que se impõe com a toda a evidencia.

Quem não calcula os entraves e prejuizos que nos cria a irregularidade da frequência da grande campainha brasileira na Tulya—para nos enfiarmos ao caso particular de que nos occupamos?

Alto saluam da Capital Federal os vapores marcam em seu estalão o nosso porto. Fazem o mesmo dos Estados em que vão lpeando. Diante d'isso, são nelles carregadas mercadorias, embarcam passageiros. Avante-se, agora, o transpôrto dos que são levados para o Maranhão, cujos prejuizos do commercio que, quando esperava ver sua mercadoria despachada em Parnahyba, ignora o seu destino, porquê seguiu no porto de navio e tanto póde ter ido para o Amazonas, como voltado para o Rio de Janeiro!

O que a poderosa empresa quer, é o truncamento da Tulya aos seus barcos. Principio cobrando para ali as mesmas passagens e o mesmo frete que cobra para o Maranhão—circunstancia que, dir, elevando seus fretos, póde, diante da inercia dos navios de luar, no acto de

O que a poderosa empresa quer, é o truncamento da Tulya aos seus barcos. Principio cobrando para ali as mesmas passagens e o mesmo frete que cobra para o Maranhão—circunstancia que, dir, elevando seus fretos, póde, diante da inercia dos navios de luar, no acto de

O que a poderosa empresa quer, é o truncamento da Tulya aos seus barcos. Principio cobrando para ali as mesmas passagens e o mesmo frete que cobra para o Maranhão—circunstancia que, dir, elevando seus fretos, póde, diante da inercia dos navios de luar, no acto de

extinguir o corpo e revelando com-
mercia de que está sendo vítima o
indivíduo Plutão.

Depois que desapareceu na curva
do rio os fracos bores que con-
tinuam os indolentes agenciados e os
fingidos agenciados, retirei-me com
a alma triste e mudada e no intuito
do corpo e da alma os sublimes
versos do Castro Alves:

Fatibado! atroz que a morte ouga!
Extenuado! a tua o brigue imundo
e tello que Colombo abriu nos vago
como um leão no pulso profundo.
Mas a alma de mais! Da ethera plaga
Levante-se hordes de negro tudio
Andando! arranca este pondo dos ares!
Colando! fecha a portão dos mares!
Partilhybá, fev.

João Virgilio Pinto.

DR. EVANDRO ROCHA — Acha-se
em Thezina o agrônomo Evandro
Rocha, um dos encarregados da ins-
pecção agrícola do distrito que
abrange o P. Anjo e o Mirandol. É
um patético talentoso, amante de
sua terra, que muito deve esperar
della.

Ser e não ser

Esta história é antiga; tem os
seus 60 e tantos annos.

É ainda do tempo das fraides.
O caso passou-se em Lisboa
com um homem que era então
muito conhecido pelas bebedeiras
que spanhava.

Era um homem alto, forte, de
grandes barbas e D. João de Ca-
stro, A cabellera era enorme, que-
renta, encaracolada.

Era casado com uma senhora
muito seria, muito formosa, di-
zendo elle era muito amigo e li-
beral das bebedeiras quotidianas
com uma paciência evangelica, na
modesta casita em que os dois
moravam, um terceiro andar na
rua da Atalaya.

Um dia, já meio torto, o sujeito
embarrou com um frade peitudo
do convento dos franciscanos e
perseguiu-o dois valentes sacros
queo fizeram vir as estrellas.

O frade não gostou da graça e
jurou vingar-se.

Dali a tres noites, quando
para o convento com um collega,
esbarrou na Horta da Cera n'uma
coisa que estava ao confim do
meio da rua.

Essa coisa era o nosso amigo
Francisco, bebedor, e por um
caso de estatura no chão sentada
acordo de si.

O frade pegou n'elle ajudado
ele seu companheiro, levou-o
para um recanto, tosquinou o mu-
to, e, insinuado, rapou lhe a barba
basta, despiu-lhe o fute, vesti-
ram um habitão de frade bernardo
e foi pelo o no mesmo sitio, con-
tendo a prevenir o prim irmão B.
rardo que encontrou lá qu' um
irmão da mesma ordem estava
cabiço de certo por doença ou
por castigo na Horta da Cera.

O frade Bernardo foi, agarrar-
n' aquella que julgava seu irmão,
por as costas e lá o levou para o
convento.

Sem dar alvoroço de si e piteci-
ro foi metido n'uma cela.
Dormiu a somno solito tod' a
noite e só acordou com o si alto,
ou ouvir uma sineta para elle
desconhecida.

Abriu os olhos, olhou em torno
de si e não reconheceu onde estava.
— Onde me estão encerrado?
perguntou elle, crollando as barbas.
Mas, ao collalhas, percebeo
que não na tina e com gran le-
spante achou a cara cuidadosa-
mente encanada.

Passou a mão pela cabeça rapa-
da e exclamou: Poz-se em re-
acordar.

Olhou para si, viu-se dentro de
um habitão.
Sentiu como doudo da cela e
esbarrou n'um quadrilho de frade
que iam para o coro matutino.
— Não exporvado.

Os frades também ficaram
estupefactos ante aquelle irmão novo,
que nunca tinham visto.
— Quem és, irmão?

Não sei.
Mas como veio parar aqui?

Bo sei.
— Onde veio?

Bo sei. Não sei! mas ao

Através da Saudade

Ea, que sou um neurasthenico
cruel; eu, que tenho impetos de es-
trangerar creanças e expulhar mu-
lheres formosas; eu sinto, muitas
vezes, vibrar, dentro em mim, os
mais dozes violinos da Sensibili-
dade.

Assim, o nihilismo precoce desse
adoravel sonhador que foi Sarai-
va de Lemos, fez derramar pelo meu
espírito, sempre estante em ondas
de revolta, verdadeiros enlanguen-
cimentos de terra. E' que, embo-
ra me houvesse envenenado, para
sempre, a ingratitude dos homens,
não podia assistir indifferente a
esse acontecimento brutal que fe-
z virar harmoniosos de gemidos na
alma alegre de uma mocidade.

E todavia, não é a visão assusta-
dora do Nada que me impressiona.
Não. Penso mesmo que o aniquila-
mento material não constitue des-
graça para os que se vêem, e ex-
pressamente afirmo a idéa negra da
morte como a mais luminosa das idéas de
Deus. O que me punge e entristece
nesses momentos dolorosos, é ver
avia-lactea de lagrimas estender-se
pelo azul dos nossos sentimentos,

quando um espirito amado disapa-
rece, nas alamedas do Além, para
as torres impercíveis da perfeita
felicidade. Mas, si os amores são
as nossas raízes, como dizia Paula
Ney, era muito justo que aquella
arvore do bem ao desprender-se da
vida, deixasse os seus amigos pro-
fundamente abalados por incompa-
ráveis angustias.

Em verdade, Sarai-va de Lemos
que fôra um batalhador leonino em
prelhos incessantes, e que, em mo-
mentos íntimos de revolta, emaga-
za o burguesismo estúpido com a
dynamite poderosa do verbo flam-
meante, era, sobretudo, um alma
vel encruada e a fragilidade do co-
ração. A sua alma, genuinamente
branca, bem podia ser comparada a
uma doce columba em arrulhos de
affectos e bondades.

E que admiravel talento irradi-
ava daquelle extrointio archibuteo!
Quem o visse na tribuna, transigui-
rado pela febre na inspiração, diria
que alguma coisa de sublime o in-
fluencia. As palavras saíam-lhe
rendilhadas e vibrantes, e perdim-
se no espaço como petalas de luz.
Era uma esthetica. Dir-se-ia que
as palavras de enlameadas e enlameadas
mente mudo, aquelle vibrador de
maravilhas!

Neste instante, com que gosto
«margem de infelizes» recordo a ul-
tima vez que o vi! Dinovizava-se
entre chrysíntenos e rosas, calmo
e sereno como se estivesse apenas
adormecido. A manha era linda,
uma encantadora manha de ja-
neiro. Nuvens erradas, como revor-
das de pombo branco, manchavam
a transparencia límpida do céu. Pe-
lo velludo auri-verde dos caminhos,
enxames de borboletas scintillavam,
ao sol, as suas multicores. E no alto,
adorlinhas aos pares cortavam o
espazo, chilreando alegremente. Ao
pé do tumulo nos achavamos todos,
collegas e camaradas do valente lu-
tador. Nenhum de nós, entretanto,
ousou erguer a palavra naquelle
momento tão grave. A brutalidade
do destino deixara-nos atordoados.
Apenas Hygino Cunha, o glorioso
mestre pianilhoso, atirou-lhe um
punhado de flores do talento pe-
radas de saudades. E lá ficou o
grande espirito no seu eterno repoi-
so sob petalas e benções.

De volta do Campo Santo, onde
fôra leval-o naquella manha enter-
necida, lembrei-me de o queri-
do morto deixara uma. Nunca, em
nossas palestras, elle havia falado
de sua genetriz; mas, alma sensível
que oera, devia adorar a com devo-
tamento. E si nem sempre falava
della aos amigos, era porque, de
certo, reservava a elle, a lembrança
para constellar de epagnos as suas
scymas e melancolias. Agora, po-
rém, que se sabia vencido, me vinha
uma vontade infinita, um desejo
impetoso de conhecer a adoravel
senhora, de beijar as mãos ten-
didas, os cabellos brancos, de con-
fundir as minhas lagrimas com as
suas, num requinte de sincera dor.

Ah! Sarai-va de Lemos tinha me-
lhor, como se orgulhava do seu amor
immenso, destraldando, sobre a ca-
beça aureolada do filho extremoso,
os mais dozes pallios de caricias
feitos de olhares amorosos! E agora,
o desfalho das esperanças des-
ceia!

Oh! de certo a minha imagina-
ção via-nesse momento por um
quatro prisma muito differente. Via-
a muito meiga e muito doce, olhos
velutados para o céu, no mysticismo
das recordações, a desfiar as contas
de lagrimas do rosario intangível
de sua magna, mas, sem minima
revolta, pedindo ainda a Virgênia
Santa-pela felicidade de sua alma.

Suprehendentes fragilidades as
que nos vemos do coração! Eu, a
quem a monja da dor ensina o e-
vangelho do odio, não sei por que,
em entecenho tanta vez, ante essas
figuras mysticas, unguidos de po-
da religiosa. E' que, mesmo irreligio-
so, não sei eu, todavia, quem
negue as bellezas e os encantamen-
tos da Fé!

Assim, emocionado, como a ima-
ginação do bardo por um luar de
mysticismo, me vinham a lembrança
os labyrinthos de tortura em que
se debatera aquella alma afflicta de
sonhador.

Uma vez, em que se sahira a es-
pairecer com Sarai-va de Lemos pe-
los bairros de S. Benedicto, elle
disse-me coisas tão dolorosamente
doce, que ainda hoje sinto a son-
didade de suas palavras nos rufos
mucos da revogada de minhas re-
cordações.

Era noite, uma dessas noites
brancas e perfumadas que Coelho
Netto comparara a noivas loncas
afastando-as como as flores da cora-
da. Por sobre o mar azul do infinito
desfilavam os lyrios de espuma das
nuvens, a gondola da lua singrava,
geralmente, por entre os escolhos
brilhantes das estrellas. Nós, que
haviamos divagado antes sobre co-
sas de arte, quegamos agora,
contemplativos, vendo estender-se
ao longe, as tunicas de arminho do
luar. De onde em onde, a alva e
cantadora de violões longuinha
gemia saudades deliciosas. Favo-
rios errantes murmurios de myste-
rios, traziam aromas de jardins pro-
stardados de sonhos. E tudo era
envolveo, exaltis, emoção... De su-
bitão, rompendo aquelle silencio au-
gusto, Sarai-va de Lemos disse-me
nervosamente: «Sou como você!»

Surpreso, sem comprehender a
aquella phrase, que era como um
marulho revoltado do lago tranqui-
lidade de suas meditações, a interroga-
ção, elle fallou-me, arrebatado
com tremulo na voz:

«Sim, é que dentro deste corpo
anormal e disforme por um capricho
brutal da Natureza, existe um
coração infinitamente meigo, um
alma divinamente amorosa...»

Indivíduo! Manoelzinho! Tu,
que passaste, pelas alvas floridas dos
teus annos, tencido veus de lagri-
mas no tear da Vida, se grande-
mente bendito na terra das estrel-
las, purificado das nossas maguas
e das nossas miserias...

Reunio-se, hoje, ao meio dia, no
palacete da intendencia municipal,
a Junta de recursos eleitoraes. Fun-
cionará as segundas e sextas até o
clibramento ultior.

DR. MIGUEL BACELLAR — Eleva-
do ao Thezina acompanhado de duas
de suas gentilissimas irmãs, o
nosso bom amigo Dr. Miguel Bacel-
lar, os distinctos viajantes hospede-
ram-se em o palacete do nosso
illustre amigo coronel Joa Broxado,
onde receberam, da sociedade the-
zinesa, affectuosas paginas de
distincção.

Um estudo curioso
Por que o gallo canta á hora certa?

O dr. Theodorico de Camargo, prepa-
rador do laboratório de zootechnia da
Escola Politechnica de S. Paulo, fez
o ultimo numero da «Revista da So-
iedade Scientifica» dedicado a um
estudo sobre o gallo, sob o
seguinte titulo: «O canto do gallo á no-
ite é um exemplo de propriedade adqui-
rida, por hereditariedade».

Diz o joven estudioso que, tendo ti-
do occasião de acompanhar, como pro-
fessor do laboratório de zootechnia,

tava de um organelo puro, oriundo de
pais importados de alguns annos.
Da volta a S. Paulo, communicou as
suas observações ao dr. Hottinger, que
immediatamente conjecturou «que esse
gallo devia ser originário de um pais
da Ásia, e cuja differença de lon-
gitude para S. Paulo fosse de cerca de
seis horas».

O dr. Theodorico Camargo, consultou
a «Zootechnia Special» de Camerin,
verificando que a raça Orygionus pro-
vem do crumamento das raças de Min-
ca, Langham e Plymouthrock.

Dessas tres raças, a que foi mais re-
centemente importada do Oriente é a
segunda, a de Langham, trazida da Tar-
taria em 1874. As outras remontam a
seculos. Assim «não é a vitro dnytye
que ella ainda conservava, por occasi-
ão do cruzamento, propriedades que
as outras duas já haviam desapareci-
do pelo accho de diversas influencias,
e as transmittisse aos seus descendentes».

«Quando isso não temia laborar-se no
pode-se chegar a mesma conclusão,
baseando-se nos fralhos de «Correns
Tschernak» e outros, que mostram,
por innumeráveis experiencias, que se
pelo pelo cruzamento, reactivar nos de-
scendentes qualidades desaparecidas
dos ascendentes».

Mas, para que, explicação do phenom-
eno que estamos estudando, e o caso
do gallo, noite, possa laborar-se no que
seja a conclusão, é preciso que a Tar-
taria, paiz do onde é originaria a raça
Langham, esteja collocada sete horas a
leste de S. Paulo.

Effectivamente, se procurarmos em
qualquer mappa, encontraremos, que a
distancia de longitude entre a Tartaria
chinesa e S. Paulo, é justamente de sete
horas, facto esse que vem confirmar
a previsão do dr. Hottinger».

O secretario da agricultura de S.
Paulo officiou ao ministro da agricul-
tura pedindo-lhe para providenciar
para que a directoria meteorologica
transmittisse diariamente á secretaria
do Observatorio do Rio, a fim de acce-
tar o relógio da repartição de policia,
que assim marcará a hora official para
todas as repartições e estabelecimentos
publcos.

«Não sei, senhora, de onde me veio
este crumismo, todavia, não sei
Nasceu me no arido, aspero solo
Como na pedra brota uma flor»

Em-me a vida um sonho doloroso,
Indifferente a tudo quanto avia.
Não conhecia a sonação de um goso
Na desventura da existencia triste.

Olhava tudo vagamente, e, enquanto
O mundo inteiro, placido, rorria,
Eu tinha o olhar fixado pelo pranto
E calculava então que não vivia.

Porque me sentia? Porque me sentia?
Que o conforto dos sonhos? Não.
Eu caminhava entre uma noite escura
Cheia de borbores e de imprecacões!

Mas, um dia, no meio dessa triste
Recordação por onde eu caminhava,
Como uma estranha apparição surgira
N'uma aureola de luz que deslumbra a vista.

Vinha e ali no aurore n'um sorriso,
Fois transpante a face de minh'alma,
E me apontava um novo paraiso
Onde se fruía uma existencia calma.

Inaudito de mi minh'alma; encheste
Me coração de amor e de al-gria!
Vivo agora, depois que appareceste,
Uma existencia que desconhecia!

Fallae, e eu sinto uma alegria ext anha;
Rue, e ao teu riso eu encho-me de espanto!
E tens no teu olhar uma expressão tamanha
Que em tenho me lo até de amar-te tanto!

Quero-te muito e sei que te me queeres,
Tremo de gozo toda vez que aizes.
Que és a mais venturosa das mulheres
E que eu serei feliz entre os teus felizes!

E é pequeno de mais agora o mundo
Para conter as nossas affeições;
Occuttemos o nosso amor por fundo
Dentro das nossas proprias corações.

E os soffrimentos, de uma vez, acabos-
la, que me arrancas! ex eternidade louca,
Tu que trazes corações pignos aos labios
E um punhado de perlas na bocca!

Cesar Monteiro

A educação feminina
A adoção masculina é da mais re-
mota antiguidade; os filhos dos mestres
moderados eram e os das classes di-
rigentes recebiam, com a cultura do
espírito, a garantia da propria condicção.
Tal era a vida, pelo menos, até ao seculo
XIII, quando, depois de nove séculos,
deram destinadas a mais do que tra-
balhos caseiros.

A mulher, ainda hoje no Oriente, não
recebe educação especial senão na China,
que se revolucionou e no Japão trans-
formado, depois de nove séculos, é
obrigatorio o ensino para os dois sexos
e o ensino das escolas modernas não ca-
de a educação da mulher.

Na Europa e na America, no Occiden-
te, a educação da mulher é de mais re-
mota antiguidade; os filhos dos mestres
moderados eram e os das classes di-
rigentes recebiam, com a cultura do
espírito, a garantia da propria condicção.
Tal era a vida, pelo menos, até ao seculo
XIII, quando, depois de nove séculos,
deram destinadas a mais do que tra-
balhos caseiros.

A mulher, ainda hoje no Oriente, não
recebe educação especial senão na China,
que se revolucionou e no Japão trans-
formado, depois de nove séculos, é
obrigatorio o ensino para os dois sexos
e o ensino das escolas modernas não ca-
de a educação da mulher.

Na Europa e na America, no Occiden-
te, a educação da mulher é de mais re-
mota antiguidade; os filhos dos mestres
moderados eram e os das classes di-
rigentes recebiam, com a cultura do
espírito, a garantia da propria condicção.
Tal era a vida, pelo menos, até ao seculo
XIII, quando, depois de nove séculos,
deram destinadas a mais do que tra-
balhos caseiros.

profissionais liberais a sua submissão
fidei, então, a mulher, p'esso do eu-
abscindidos, predilectos para a vida
e não ser vítima da fome e da
miseria.

O Sr. Rodolpho Brods, em um estudo
sobre a educação feminina inserio na
sua revista «Documents de Progrés»
e considerou esse facto proveniente das
escolas industriais e commerciaes as-
sim, entrada nas escolas secundarias
e superiores das mulheres que se distan-
ciava das carreiras liberais.

Apropos-se, escreveu esse socio-
logo-nos meios observadores,
fez opposição a tal movimento,
umas vezes em nome do ideal femi-
nar pretentamente emancipado, outras
por causa dos perigos que a educa-
ção forte decorria a da crecente
competição feita pelas mulheres.

Por tanto, em via.
Foi sempre argumentando o noma-
do das moças do povo que iam
lutar a porta, por tanto tempo fe-
chada e illas, das escolas academi-
cas e superiores e todas se acham
abriram, umas após outras, a ponto
de hoje se em toda parte se acham
o direito das mulheres a uma
instrução mais que elemental.

O problema da educação da femi-
na não está, porém resolvido. Faltam
métodos, escolher os processos.
É preciso escolher entre a educação
especial e a communica, isto é, educa-
ção dos dois sexos nos mesmos estabe-
lecimentos.

A coeducação, systema adoptado nos
Estados Unidos, foi lá preferida por mo-
tivos do ordon economico e não de ordon
pedagogico.

«Nesse paiz em que a densidade
da população é muito fraca, foi
bastante difficil crear escolas primarias
distinctas para os dois sexos.
Assim, por economia, todas as es-
colas são mistas. E, estabelecido
esse systema para o ensino primario,
não havia motivo algum para não o
adoptar na a estabelecimentos de
instrução secundaria».

Não ha que considerar, sob o ponto de
vista moral, senão como excellentes os
resultados da coeducação. «Nas es-
colas de viverem juntos foram se acham
dantes dos dois sexos intentos de
crueldades moribundas e prematuras, suppre-
mo acumbimento que se nota nos
europeus quando entram na vida social
e collocam os seus corpos em relações
sexuais no atractivo sexual, de pura
animalidade».

Apesar disso, em algumas universi-
dades americanas, surge se contra esse
systema e propõem-se restringir a ad-
missão das mulheres.

«Se os estudantes do sexo femi-
nino se vem reduzidos a minoria e se
encontram prejudicados por se en-
coligarem nos lugares de que eram
excluídos os homens, ha que acham
dissos, professores, ha que acham
que os pontos de vista e os métodos
devem variar conforme o ensino
se dirija a uma ou a outra categoria
que o que a uma convém e inabito a
outra».

E a este criterio que se devem os es-
tabelecimentos autonomos, creados ao
lado das universidades de Harvard e
Columbia para o ensino feminino, que os
americanos, no entanto, que os ame-
ricanos a constituir as mulheres do seu
paiz e os hábitos de liberdade de es-
pírito e de desenvoltura honesta que ex-
caracterizam as americanas.

Este systema foi adoptado no Canada,
na Australia e na Noruega. Na Suécia
e na Finlandia está passando para a
Alemanha. O principio da educação em
commun dos sexos, da escola primaria
até a universidade, tem feito rápidos
progressos. A educação feminina neste
momento procura uma forma a capitulo
e o caracter do que prepare para a
profissão; mas na America começa a
favor proclamar quasi exclusivamente
femininas, como por exemplo o ensino
das sciencias primarias e outras occupa-
ções que exigem equalidades femininas
o instincto maternal, a paciencia, a or-
dem, a multicores; os empregos de
bibliothecas e de escriptorios estão neste
caso.

As mulheres das classes abastadas
das exorrem na America aoção da
classe sobre o conjunto do movimen-
to americano artistico intellectual. O ho-
mem, todavia, entregue a luta econo-
mica, tem pouco laiz para cultivar
o goz, e occupar-se dos grandes
problemas da humanidade. Já, as
mulheres que embem se não do
reunido, de comentes e se gaudem
de «exaltacões» das cidades americ-
nas Conferencias e-bu quegones
estheticas, morcos ou de outro gnero,
acham sempre publicos em sua
materia feminina.

As obras litterarias leem nas
mulheres as peças de comedia e
representadas para ellas, a para el-
las trabalham artistas e poetas, que
tem o outro dependente da vida.

Este facto demonstra que a mulher
gostaria comprehender as suas novas re-
sponsabilidades. Quando o homem li-
vre da actual preoccupação economicas
puder dedicarse ás suas parientes
intellectuales, a americana continuaria
a influir na cultura de seu pais.
Embora possa exercer a sua influencia
no dominio economico.

Em todo o caso, a mulher precisa
para esta educação pratica, para colhi-
ções mais rapidas para a sua
vida, para proceder dentro da familia,
de accordo com os progressos da sciencia.
E a escola que ensina as mulhe-
res os processos praticos para utilizar
dentro das casas, com os seus próprios
meios, de chimica elementar e da technica
em resumo, preparação educativa com
um fim pratico.

Em todo o caso, a mulher precisa
para esta educação pratica, para colhi-
ções mais rapidas para a sua
vida, para proceder dentro da familia,
de accordo com os progressos da sciencia.
E a escola que ensina as mulhe-
res os processos praticos para utilizar
dentro das casas, com os seus próprios
meios, de chimica elementar e da technica
em resumo, preparação educativa com
um fim pratico.

Em todo o caso, a mulher precisa
para esta educação pratica, para colhi-
ções mais rapidas para a sua
vida, para proceder dentro da familia,
de accordo com os progressos da sciencia.
E a escola que ensina as mulhe-
res os processos praticos para utilizar
dentro das casas, com os seus próprios
meios, de chimica elementar e da technica
em resumo, preparação educativa com
um fim pratico.

Em todo o caso, a mulher precisa
para esta educação pratica, para colhi-
ções mais rapidas para a sua
vida, para proceder dentro da familia,
de accordo com os progressos da sciencia.
E a escola que ensina as mulhe-
res os processos praticos para utilizar
dentro das casas, com os seus próprios
meios, de chimica elementar e da technica
em resumo, preparação educativa com
um fim pratico.

Em todo o caso, a mulher precisa
para esta educação pratica, para colhi-
ções mais rapidas para a sua
vida, para proceder dentro da familia,
de accordo com os progressos da sciencia.
E a escola que ensina as mulhe-
res os processos praticos para utilizar
dentro das casas, com os seus próprios
meios, de chimica elementar e da technica
em resumo, preparação educativa com
um fim pratico.

Em todo o caso, a mulher precisa
para esta educação pratica, para colhi-
ções mais rapidas para a sua
vida, para proceder dentro da familia,
de accordo com os progressos da sciencia.
E a escola que ensina as mulhe-
res os processos praticos para utilizar
dentro das casas, com os seus próprios
meios, de chimica elementar e da technica
em resumo, preparação educativa com
um fim pratico.

Em todo o caso, a mulher precisa
para esta educação pratica, para colhi-
ções mais rapidas para a sua
vida, para proceder dentro da familia,
de accordo com os progressos da sciencia.
E a escola que ensina as mulhe-
res os processos praticos para utilizar
dentro das casas, com os seus próprios
meios, de chimica elementar e da technica
em resumo, preparação educativa com
um fim pratico.

Em todo o caso, a mulher precisa
para esta educação pratica, para colhi-
ções mais rapidas para a sua
vida, para proceder dentro da familia,
de accordo com os progressos da sciencia.
E a escola que ensina as mulhe-
res os processos praticos para utilizar
dentro das casas, com os seus próprios
meios, de chimica elementar e da technica
em resumo, preparação educativa com
um fim pratico.

Em todo o caso, a mulher precisa
para esta educação pratica, para colhi-
ções mais rapidas para a sua
vida, para proceder dentro da familia,
de accordo com os progressos da sciencia.
E a escola que ensina as mulhe-
res os processos praticos para utilizar
dentro das casas, com os seus próprios
meios, de chimica elementar e da technica
em resumo, preparação educativa com
um fim pratico.

A voz do sertão

IV

"A coarada é a moçada que mais se assusta a nossa época. Não ha coragem de desenvolver a bandeira, de assumir a responsabilidade do que se adivinha ser a verdade, de proceder segundo suas convicções".

Maz Nardau.

Quem leve a paciência de ler até o fim a prosa fastidiosa do nosso ultimo cartaz, pôde formar uma ideia exacta (pois a verdade é a unica face apreciavel dessas desengonçadas linhas que tracamos em horas desocupadas) da situação tragica dos nossos fazendeiros que se vêem n'uma contingencia de optar por uma das proposições do terrivel dilemma: renunciar aos demais direitos e procurar refugio onde ao menos se lhes garanta a vida, ou oppor a força a força, o bacamarte ao bacamarte, vencer ou succumbir, lutar para a cadeia ou para o cemiterio.

Vejamos agora se é menos afflicto o estado das populações de vilas e cidades. Conspicuo se sempre o seu deslocamento, no maximo, de mil duzias de soldados, commandos das invariablymente por um official inferior que não tem sobre elles força, nem autoridade. Uma diligencia não é feita com exatidão, uma prisão necessaria nunca tem execução. Se o capitão os ameaça ou lhes oppõe resistentemente qualquer resistencia, voltam cabiceiros a relatar a má fortuna da empresa. Se pelo contrario a vítima, inerme e tremula, se entrega sem relutancia, e com o olhar humilde e a voz quasi presa na garganta, lhes roga que a não espartaquem, então um desemboço infame de facões, e logo após a brutal da lamina contra o dorso, a cabeça, todo o corpo do sacrificado que atravessa as ruas debaixo de uma infernal chuva de bordoadas e enfiado para prisão com a cabeça quebra as costas fôas e não raro vando sangue.

Depois de actos de semelhante indifferença e tão requintada selvagem, os herodes da scena vão comitar, com risos feroces intercalados de agardente ordinaria e garças desenxabidas, o esculapido do burra, certos de que terão como compensação o apoio laico, quando expresso, do commandante e o nullo e indifferença das demais autoridades.

Neste modo, os poucos policias que dispõe cada villa ou cidade, não de serem uma força asseguradora da ordem e garantidora dos direitos de cada um, constituem, ao contrario, uma inutilidade, sendo não um elemento de desmoro, de violação dos direitos dos cidadãos.

Se o povo vê e sente tudo isto; mas não se queixa ao poder competente e procura armar certamente fazendas armerem abissos para o seu povo, não tem o arrojado de sair a batida e oppor a força a força, em defesa da inviolabilidade dos seus direitos. Prefere antes censurar entre elles, cada qual recoso do que lhe applique tambem a "dose mediana".

Se se supponha que prelevada a, com isto, pregou o anarquismo para incutir no povo idéas de sublevar.

Ninguém, mais do que nós, sabe a acatar a autoridade legitima e obedecer as suas ordens quando retribuem a lei em acção e visem, tanto, o bem estar de todos, resguardados os direitos de cada um. Quando, porém, quem quer que se as mãos uma particula de poder, faz valer a injustiça com o franco, justifica se então a nossa total resistencia, da sociedade a respeito do despotismo que pouco a pouco se está alargando o seu circulo, enfraquecendo e aviltando um dos membros que a constituem.

portanto, um dos pontos para os quais não pôde deixar de lançar vistas um governo que proze preceitos dos seus governados—esta a justiça em toda a extensão. S. E. do Estado, que entra para os seus publicos com uma quota de mediocridade e faz, por consequencia, a garantia da sua propriedade e inviolabilidade dos seus direitos.

V

portanto, a falta de iniciativa, o desinteresse do autoritarismo despojado da população sertão, e a mesma forma de um pernicioso

surgido ao debellamento do analfabetismo nacional.

Se alguns Estados, constituindo-se em excepção á regra geral, procuraram ligar importancia a esse ramo da administração publica, outros, como o nosso, pelo contrario, loem persistido em ministrar uma instrução de retalhos, mediocre e parcimoniosa, escassa e obscura, absolutamente incapaz de preencher o fim a que se destina.

Existem, geralmente, em cada villa ou cidade, um professor e uma professora, muitas vezes insufficientes para a quantidade de meninos, e dignos de se matricularem em escola primaria a fim de aprenderem a ler e escrever.

Nomeados quasi sempre por indicação local, são elles filhotes dos manjões, ignorantes de sua profissão e relapsos no cumprimento dos seus deveres.

So aqui ou ali os ha tambem do municipio, não são de superior qualidade á dos estaduais.

Mas não é só isso. Ha no Estado povoações regularmente desenvolvidas que não tiveram honra de possuí-las, nem mesmo de lacs qualidades, com o que não sei se estão na peor servida.

Canto do Buriti, neste municipio, por exemplo, é uma povoação bastante prospera e populosa, sem que todavia tivesse escola de qualquer especie; e com S. Raymundo Nonato, villa antiga e rendosa, não existe cadeira de professora.

Não são raras, é verdade, escolas particulares em varias localidades, regidas por professores que, além da competencia, possuem o fanatismo da pedagogia, qualidade indispensavel a todo aquelle que se quer julgar digno desse nome.

Esses, porém, se vêem, com frequência, vencidos pelo charlatanismo imposto e pelo analfabetismo embustreiro, que lhes fazem competência simplesmente porque nas escolas ensinam pedaços truncados de «cartilhas» e laramudismos fraseados insulsos de padre-nossos e ladainhas.

É muito natural que o povo preste o seu apoio incondicional aos ultimos, não só pela identidade das idéas e dos sentimentos que os ligam, como tambem pelo temor de que os srs. impios pretendam infundir a descrença em crianças que não conhecem ainda os caracteres do alfabeto!

E a ignorancia continúa a campear impavida e soberba, da manada do rio local é enfiado, no lugar humilde do miseravel, aproximando-os, nivelando-os, confundindo-os num estreito abraço de malícia e excreval frateridade.

São, por consequencia, dois pontos—a instrução e a justiça—para os quaes não podemos deixar de lançar as nossas vistas o governo que quer dar ao nosso Estado uma nova feição administrativa, elevando o nível do ensino e fazendo baixar a febre assoladora do despotismo.

S. João do Piauí.

J. Vaz da Costa.

Arborizações

É por demais conhecida a utilidade das arborizações, principalmente nas cidades onde o progresso crescente e o desenvolvimento das edificações afastam pouco a pouco as vegetações naturaes. As lras constantes dos elementos da atmosphera com os productos elaborados pelas plantas são incontestavelmente uteis á nossa respiração, á nossa vida. Podemos mesmo chamar as plantas como recompositores do ambiente respiravel. A par dessa utilidade extraordinaria, existe outra não menos interessante, aquella que diz respeito á esthetica, ao recreio da vista e do espirito.

Incontestavelmente, é agradável a impressão á vista de um alinhamento irreprehensivel, de arvores de um mesmo latão, e de um verde puro ou matizado de flores. Ha muito tempo é quasi universal o uso da arborização artificial nas grandes cidades, e a apesar da evolução que todo soffr, ainda se tem conservado os principios, ha muito estabelecidos, para a arte de arborizar. Assim, apesar do «art-nouveu» ter sido introduzido em todas as artes, não podemos deixar de conservar certas exigencias da esthetica ou da segurança publica. Adoplar como se tem feito tanto o systema antigo, moderno ou mixto em jardins, parques, etc., é muito justificavel, e si a linha recta usada tanto pelos francezes ainda hoje é apreciada, quando empreendida com arte, não menos é o systema dos ingleses com os jardins modernos, que nos dão varios pontos de vista agradavelis.

épocas de vegetação são de bellas affectos e de admiravel graça. Reflicta-se a tudo menos á arborização de alinhamento em ruas ou avenidas. Nestes ultimos casos devem ser condemnadas as misturas. Fazer-se alinhamentos arborescentes em avenidas, utilizando plantas de varias especies, é simplesmente inesthetico, anti-artístico.

É bem sabido que todas as arvores não affectam a mesma forma de fronde, e portanto ainda mesmo que todas as arvores plantadas em uma linha fivessem a mesma época de vegetação, o conjunto não seria agradável á vista.

Esse aspecto desagradavel (ainda mesmo que a plantação seja alterada) augmentaria forçosamente quando do solo de plantas que apresentam o maximo de exuberancia de vegetação, se encontram outras que por questão de época estejam despidas de folhas, ou ainda quando, umas floridas, outras despidas e outras em brotos. É evidente que o aspecto não será agradável. Mal o cumulo será arborizar avenidas ou ruas nas condições acima e ainda quando intercaladas arvores frutíferas. Será um attentado ao gosto alheio e á segurança dos transeuntes.

As arvores frutíferas nesse mistur não devem ser absolutamente empregadas.

Os frutos provocam naturalmente a gula de quem os vê, e um ou outro individuo menos conservador, ou o que é mais natural, os garotos, atirar-lhes-ão pedras, que poderão attingir os transeuntes. Além disso os frutos caídos nas calçadas serão causadores de desastres por escorregões.

De ha muito que já se não empregam mesmo plantas cujas flores são grandes e provocam, caindo sobre o solo, lras incidentes. Penso ser o bastante para demonstrar que o principio da inovação do «art-nouveu» não tem cabimento no caso, e se a variedade de forma, a combinação de cores, a mistura de linhas, é bello, não podem ser applicados no caso das arborizações de alinhamento.

Anné d'Essébé.

Um grupo de capitalistas europeus mandou offerecer á Câmara de Santos para tomar já, independentemente da garantia do Congresso Paulista, um empréstimo de 16 mil cont.

A deposição do bispo

CONVERSA ENTRE COLLEGAS

«Nosso collega... O Independente, que pae de um dos seus redactores, queixar-se amargamente do silencio que assistio á sua appareição, por parte da imprensa evangelica desta cidade. Se a allusão local comestica, o collega está enganado, pois a policia e os agrados a sua villa, como é costume nosso. E agora que estamos conversando com o collega, não é fóra de logar, diz-lhe que achamos de uma originalidade unica aquella seu artigo do 2.º numero, intitulado «O bispo de Thezina», no qual o collega, para atar a maçonaria, quasi endessa aquelle «illustre sacerdote», representante do systema mais horrendo e pernicioso ao christianismo que já mais veio a este mundo, o mesmo que não ha muito moveu perseguição a um dos nossos ministros, no mesmo Estado, da qual foi livre, por intervenção voluntaria da mesma maçonaria, sendo digno de nota que esse nosso ministro é inimigo da maçonaria.

Não morremos de amores pela maçonaria, por isso somos insuspeitos. O facto, porém, é que os crentes devem mais favores á maçonaria do que ao horrido papismo, onde a maçonaria tem o poder, o Evangelho de Jesus pode ser pregado mas onde impera o papismo isso é impossivel. Concordamos porém, que a maçonaria e papismo sejam dois grandes males. Se, á semelhança do que fez com Davi, Deus nos perguisasse por qual desses dois castigos optariamos, diríamos francamente—mil vezes á maçonaria, antes que o papismo. Mas veja-se o que é a paizão; o collega, no seu ardor contra a maçonaria, não só defende o representante da seita mais nefasta do mundo, mas até lhe reconheceu o titulo de «sacerdotes», totalmente contrario ao Novo Testamento. Eis os titulos que o collega deu ao bispo: «evangelho illustre, homem illustrado, de crenças fortes (no papismo) sacerdote illustre, etc.» Extrado do «Jornal Baptista» do 29 de Janeiro passado.

plano seria realisado com os trabalhadores da Estrada de Ferro de S. Luiz a Caxias, vindos em trem especial, que deveria chegar á meia noite sem dar signal. A essa hora o bispo seria pegado de surpresa em seu palacio, embarcado em um escalor para atravessar o rio Parna-hyba, e metido em trem especial, que o levaria a Caxias, porto escolhido para a deportação. Apesar do absurdo da «blague», o bispo acreditou e, sendo elle o bispo não podia portanto «queixar-se ao bispo», reuniu em sua residencia capangas armados e esperou o loque, que afinal foi só sua bolsa que se leve inutilmente que pagar aos «valientes».

«Jornal Baptista» do Rio de 9 de Dezembro de 1909.

Tribuna Livre

Agradecimento

Ao chegar ao Estado de minha residencia, de regresso da longa viagem de onze mezes, que empreendi ao Araguaia, quero, antes de tudo, cumprir o grato dever de significar pela imprensa o quanto sou reconhecido ao sr. capitão Pedro Nolasco Monteiro, do regimento militar do Pará, pelas atenções e fidalgas gentilezas com que alli me recebeu. Dou o meu testemunho do quanto é digno este official do seu alto espirito de justiça, circumspecção e da disciplina que sabe imprimir aos seus soldados, ao ponto de não se registrar uma só desordem na Conceição, tendo elle as suas ordens uma força respeitavel de 80 homens. O crime, que alli imperava, desertou, com a sua chegada e todos se entregam confiantes ao trabalho, certos de contarem com a garantia mais ampla e com a justiça mais imparcial nos longos mezes em que residi no longuico interior do Pará, só ouvi de todos os labios os melhores elogios para o valente official, certamente digno da estima de todos homens de bem.

Na cidade de Florianópolis, deste Estado, onde resido e tenho a familia, o sr. capitão Pedro Nolasco encontrará em mim um amigo reconhecido e que se não furtará nunca ao prazer de referir a todos o quanto lhe penhorou o deslealdado soldado, honra da força publica do adeantado Estado neerlandesa.

Therezina, 9 de março de 1910, Florencio Miranda.

EDITAL nº. 17

De ordem do exm. sr. intendente do municipio desta capital, dr. José Pires Habello, chama a atenção de quem interessar possa por o seguinte art. das disposições geradas do rramento: «Art. 6. Os impostos sujeitos a lançamento serão cobrados sem multa até o fim do mez de março.» E para que chague ao conhecimento de todos os interessados, será este publicado pela imprensa e afixado na porta desta repartição.

Secretaria da Intendencia Municipal em Therezina 8 de março de 1910.

O Secretario Augusto de Sousa Martins.

Na loja Mafrense

Calçados novos da fabrica Condor, no genero, a principal do Brazil.

O restante stok de calçados, do anuo p. p. para homem e mulher, continua a preço r. duzido.

Vinh.s superiores acaba de chegar uma boa partida. Bicos e bordados de bom gosto—para liquidar um pequeno sortimento—vende-se extraordinariamente barato. Mas... só a dinheiro á vista.

Milagros de Juros e a Economizadora Paulista

Valores de dez tostões, collocados a juro composto e capitalizados anualmente, decaem de 100

produz 575\$, sendo 18% de capital e 33\$000 de juros.

Os calculos da Economisadora se fundam especialmente sobre o augmento progressivo dos socios, juros accumulados do capital social e o tempo em que gira o mesmo capital.

Cada socio que alcançar uma pensão gosará das seguintes vantagens:

1) juros accumulados do seu capital; 2) juros accumulados dos socios que ainda não tem direito á pensão, sendo só este factor de milhares de contos, no primeiro anno da pensão; 3) juros accumulados dos socios que decaíram; 4) juros accumulados dos socios que falleceram, antes da pensão; 5) juros de todos estes juros accumulados; e subsidiariamente tem mais as vantagens de tres factores: 1) capital dos socios que falleceram sem deixar herdeiros; 2) capital e parte dos juros dos socios que falleceram nos primeiros mezes da pensão; 3) multas de 200 e 500 rs. São pequenos nada, por isto mesmo, muita gente incorre nelas, e muitos poucos fazem multas.

O futuro por 5% ou 2\$500 rs. mensaes!

A Economisadora tem duas caixas:

A Caixa A, na qual o socio paga 5% de jora e 2\$500 por mez e tem direito, depois de 15 annos, a uma pensão mensal de 150\$, maxima, durante toda a sua vida.

A Caixa B, na qual o socio paga 5% de jora e 5% por mez, com direito depois de 10 annos, a uma pensão mensal em dinheiro de 100\$, maxima, durante toda a vida. Informações e prospectos com o a gente geral no Piahy—Thezina: Adolpho Santana.

Ao commercio e ao publico

José Cabral Arnau, seguindo a 5 para o Sill da Republica, avisa aos interessados, que ficam como procuradores para tratarem de todos os seus negocios, os srs. Joaquim Cabral e Sebastião Alves Ribeiro da Costa.

Aproveitamos a occasião, para offerecer os seus prestimos para São Paulo, ao preço segun e pedir desculpa aos amigos de quem não se despediu pessoalmente devido as suas grandes occupações nestes dias.

Therezina 4 de Março de 1910.

José Cabral Arnau.

HORACIO GIARDINI recebeu e vende muito barato:—religios de parede «Reguladores», lampdinas de suspensão para sala, zomphone «Victoria», pecas e agulhas para os mes

mos; chapões de sol, bengalis, gravatas smart, ci garros de diversas marcas; chapões de palha e de feltro; pince-nez e ocultos de cores; morins de diversas marcas, chocolate, café moído, em tambores, tapetes para sala, objectos de porcelana para mesa e toilette; objectos para presentes—enorme variedade, perfumarias, camisas, ceroulas, collarinhos, toallas para rosto, pannos e toallas para mesa, etc., etc.

VER PARA CRER

Todos á PENDULA PIAHYENSE.

Clínica Medico-cirurgica

Dr. Ribeiro Gonçalves Especialidade: operações em geral, moléstias dos olhos, ovidos, nariz e garganta. Consultas: todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde, na Pharmacia «A Pobre», Rua Bayasanda—47. Grates aos indigentes. Agente chamados para dent e fora da cidade, a qualquer hora do dia e da noite.